

## ABSURDO E REVOLTA EM AUTO DA COMPADECIDA: TRAÇOS ESTÉTICOS DA FILOSOFIA DE CAMUS

Alexandre Gomide Xavier

Graduando Universidade Católica de Brasília

**Resumo:** Este ensaio é um esboço entre o diálogo entre filosofia e arte buscando a constatação de que é possível que a arte em sua forma revele valores e aspectos sobre o nosso modo de ser. É possível aprender com a Arte? Segundo Camus, nossa condição existencial é cercada pelo sentimento de absurdo que nos leva a revolta, logo uma obra de arte absurda traria a tona a descrição das possibilidades destes sentimentos. Trataremos aqui de entender a filosofia proposta por Camus e estabelecer um diálogo com uma obra artística para expor um movimento metafísico inerente à arte.

**Palavras-chave:** Revolta, Absurdo, Arte, Estética, Camus.

**Abstract:** This paper is an outline of the dialogue between philosophy and art seeking the realization that it is possible that the art in its form reveals values and aspects of our way of being. Can we learn from art? Camus said that our existential condition is surrounded by the feeling of absurdity that leads us to revolt; just an art work of absurd would bring up the description of the possibilities of these feelings. We discussed here to understand the philosophy proposed by Camus and establish a dialogue with an artistic work. Exposing a metaphysical movement natural in art.

**Key-words:** Revolt, Absurd, Art, Esthetics, Camus.

## Introdução

Um dos alicerces para nossa existência é a arte que produzimos, ela parece nos transportar e a nos revelar dimensões da nossa condição existencial. Sem a arte seria difícil nos descobrir ou representar a subjetividade que emana do nosso modo de ser e que em dado momento torna-se inefável através de métodos convencionais de explicação ou pelo saber científico. Albert Camus, filósofo do século XX, produz uma filosofia que está comprometida com o valor da vida e numa antropologia que suscita dimensões do ser humano diante o mundo. Nos seus escritos é exposto como a arte, principalmente a literatura, tem uma importância para este descobrimento de nossas dimensões e, também, numa proposta capaz de encaminhar um propósito de vida. A arte aparece como um guia para mostrar condições de autenticidade de criação. O objetivo deste artigo é explanar a filosofia de Camus e buscar em *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, uma interpretação e uma melhor concepção de *revolta* e *absurdo*, ou seja, trataremos de busca na arte as dimensões do homem descritas por Camus. Primeiramente é necessário que entendamos bem os conceitos.

### 1. Sentimento de Absurdo

Existência e mundo duas coisas que temos consciência, que nos aparece como fato, o hábito de viver que Camus descreveu em *O mito de Sísifo*. Hábito adquirido antes mesmo de aprendermos a pensar, ou seja, viver é um processo que se aprende naturalmente, não há manual ou forma de vida, apenas se vive, contudo o mundo e nossa condição de existência parece não ser justificada e nos leva a um momento de questionamento dos porquês desta imensidão e intensidade de coisas. Deste movimento surge então a comparação entre ser humano e mundo, a consciência interpela um mundo que não é justificado e cercado de injustiças por todos os lados, tais como, a desumanidade, a falta de propósito ou de

## ABSURDO E REVOLTA EM AUTO DA COMPADECIDA: TRAÇOS ESTÉTICOS DA FILOSOFIA DE CAMUS

Alexandre Gomide Xavier

finalidade da existência, e a contingência que nos leva a morte. Não pedimos para existir, mas existimos e, então, somos interpelados pela temporalidade da existência, isto é inegável. Até dado momento ainda estamos nos guiando pelo hábito de viver e seguindo mecanicamente uma rotina, porém quando buscamos os “porquês” tudo parece sem fundamento insustentável e neste caminho tudo parece sem valor, um “nada vale a pena”. O sentimento de Absurdo nasce neste exato momento da descoberta da pequenez do homem a dimensão esmagadora do mundo onde a morte é o fim último de todos nós. “Um belo dia, surge o 'por quê' e tudo começa a entrar em uma lassidão tingida de assombro”(CAMUS, 2012:27) Neste sentido Camus expõe que a lassidão é boa, sendo assim o divórcio entre homem e mundo é bom, pois inicia um movimento da consciência que o desliga da vida maquinal para uma continuação, contudo a continuação ou joga o indivíduo de volta ao hábito ou suicídio ou este indivíduo tenta se reestabelecer conscientemente. Tal estranhamento com o mundo é o absurdo, onde as coisas que nos cercam no mundo voltam a ser aquilo são, daí nos escapam. Não pode ser o todo abarcado pela razão. Só temos noção daquilo que é vivido e levado à consciência, o que pertence à morte já não é mais passível de especulação, a vida se torna aquilo que é. Segundo Camus o sentimento de absurdo, quando nos joga de volta ao hábito, pode nos guiar para o que ele chamou de suicídio filosófico. O que seria isto? O suicídio filosófico consiste em um salto de fé. Mas avancemos com calma para um melhor entendimento. Primeiro, há em nós um desejo por clareza e unidade, porém o mundo não pode ser abarcado pela razão e só podemos ter noção daquilo que é experimentado pela consciência, sendo assim o suicídio filosófico consiste em dar unidade e buscar a eternidade. Por exemplo, a religião que prega uma vida

além que é para merecedores, uma vida melhor que esta.

O desejo profundo do próprio espírito em suas operações mais evoluídas une-se ao sentimento inconsciente do homem diante do seu universo: exigência de familiaridade, apetite de clareza. Compreender o mundo, para um homem, é reduzi-lo ao humano, marca-lo com seu selo. (CAMUS, 2012:31)

Sendo assim qualquer explicação não antropomórfica é um suicídio filosófico. “Desde o momento em que sua noção se transforma em trampolim de eternidade, não está mais relacionado à lucidez humana.” (CAMUS, 2012:49) ou seja, a consciência que Camus reclama é uma consciência mundana e marcada pela temporalidade, a constatação absurda exige que se atenha nisto. Aqui temos que o sentimento de absurdo tem a possibilidade de nos guiar a um hábito que é acreditar negar o absurdo e dar um salto em direção aos atos mecânicos novamente. Quando isto acontece estamos negando as evidências da consciência e tirando espaço para a possibilidade de criação. Negamos esta vida pela pequena possibilidade de outra.

Quando percebemos que a vida não tem sentido achamos que necessariamente ela não vale a pena ter vivida ou que tudo seria permitido sendo o suicídio uma opção. Mas trata-se do contrário: o absurdo só tem sentido quando é mantido, é uma experiência individual. Neste movimento de tomada de consciência se busca o reestabelecimento, nasce então a revolta.

### 2. Revolta

“Uma das poucas posturas filosóficas coerentes é a revolta, o confronto perpétuo do homem com sua escuridão.”(CAMUS, 2012:66) O que é, então, a revolta? Revoltar-se é exigir um

## ABSURDO E REVOLTA EM AUTO DA COMPADECIDA: TRAÇOS ESTÉTICOS DA FILOSOFIA DE CAMUS

Alexandre Gomide Xavier

valor, tomar nota de uma situação que oprime e esmaga a dignidade humana. Por exemplo, no ensaio *O homem Revoltado*, descreve que um escravo até dado momento suporta todas as pressões que são lançadas sobre ele, porém há um ponto, uma linha, onde tudo aquilo se torna demasiadamente absurdo, torna-se inaceitável que se sacrifique a dignidade assim, logo o escravo se revolta e exige que as condições que lhe oprimem sejam diferentes, repensadas pelo seu senhor. A revolta reclama então algum valor de bem referente à dignidade humana. Vale ressaltar que, segundo Camus, o revoltado não nega o senhor como um existente, contudo, reivindica a situação que o senhor lhe impõe. Portanto a revolta não é vontade de aniquilação de outros. Seria passível de objeção se tal valor suscitado pela revolta não seria puramente individual, egoísta ou histórico? Sim, é possível que exista uma revolta neste cunho, porém o que torna a revolta legítima é quando outros homens abraçam o valor nascido no seio da revolta. A revolta é então exclamação de um valor cabível a todos os seres humanos, neste ponto a revolta é transcendente. Então “Na revolta, o homem se transcende no outro, e, desse ponto de vista, a solidariedade humana é metafísica.” (CAMUS, 2011,29) Constate-se então: A revolta é a grande revelação de um valor humano que transcendo seu início individual e se mostra legítima a partir do momento que foi capaz de abarcar toda humanidade. No movimento do sentimento de absurdo, portanto, se não há sentido na vida, no significativo a uma teleologia ou predestinação, há, por outro lado, valores que emanam dos nossos sentimentos de acordo com as situações do mundo, situações que outros impõem a nós ou situações que a nossa própria condição existencial num mundo formado onde há injustiças e a morte como fatos captados pela consciência.

Na experiência do absurdo, o sofrimento é individual. A partir do movimento de revolta, ele ganha a consciência de ser coletivo, é a aventura de todos. O primeiro avanço da mente que se sente estranha é, portanto, reconhecer que ela compartilha esse sentimento com todos os homens, e que a realidade humana, em sua totalidade, sofre com esse distanciamento em relação a si mesmo e ao mundo. (CAMUS, 2011:35)

A revolta traz, também, o reconhecimento do outro como sofredor, os outros se reconhecem na revolta e no valor suscitado e, então, reivindicam um valor que corresponde à dignidade humana. É exigido um bem legítimo reconhecido, por todos, daí, por tal motivo, a revolta não se guia por sistemas abstratos de vida perfeita ou que aponta um modelo a ser seguido; uma vida além desta aqui. A revolta reclama algo pra ser feito no agora. Não se trata de tornar-se livre *de algo*, mas tornar-se livre *para algo*. Nenhuma teoria política que pontue um modelo certo e que não é fundado em valores reclamados pela revolta pode ser então representante legítima de todas as condições humanas. Quando se almeja aquilo que *deveria ser* logo se esquece de como as coisas *são* e, então, há, também, nisso, um salto de fé. A revolta é sempre fundada em como as coisas são e como elas podem ser a partir de como as coisas são, ou seja, ela não é abstração dos fatos e não busca a aniquilação das dicotomias ou de um mal. Não há espaço para maniqueísmo no sentimento de revolta, para ela é necessário que sempre exista tensão. O revoltado não almeja então a salvação ou perfeição do mundo, até dado momento aguenta as injustiças e as opressão, mas é sempre lembrando que em algum momento pode se tornar insustentável e, deste ponto, exigir algum valor. Contudo, a revolta não é só sobre tais condições, é também um revolta metafísica.

## ABSURDO E REVOLTA EM AUTO DA COMPADECIDA: TRAÇOS ESTÉTICOS DA FILOSOFIA DE CAMUS

Alexandre Gomide Xavier

Da mesma forma, se o revoltado metafísico volta-se contra um poder, cuja existência simultaneamente afirma, ele só reconhece essa existência no próprio instante em que a contesta. Arrasta então esse ser superior para a mesma aventura humilhante do homem, com o seu vão poder equivalendo à nossa vã condição. Submete-o à nossa força de recusa, inclina-o por sua vez diante da parte do homem que não se inclina, integra-o à força em uma existência para nós absurda, retirando-o, enfim, de seu refúgio intemporal para engajá-lo na história [...] A revolta afirma desse modo que no seu nível qualquer existência superior é, pelo menos, contraditória. (CAMUS, 2011:40)

Pode-se achar que a revolta leva ao ateísmo, entretanto “O homem revoltado ao negar deus, não prova de modo absoluto sua inexistência.” (GUIMARÃES, 1971:39) O ateísmo de Camus representa um antiteísmo, um Deus todo-poderoso superior aos humanos deve ser destronado e julgado sob o signo da história, isto significa dizer que não se faz nada por valores transcendentais ou por uma possibilidade de vida além desta. Não é necessário ser ateu, apenas rejeitar uma ordem que subjuga a condição humana, trata-se de igualar Deus aos homens, ou melhor, de forma mais clara, de igualar os homens a Deus. “O revoltado desafia mais do que nega. Pelo menos de início, ele não elimina Deus: simplesmente, fala-lhe de igual para igual.” (CAMUS, 2011:41)

O leitor pode estar se perguntando até agora onde está a questão estética que traçamos como objetivo para esta investigação filosófica. Para Camus a revolta exige unidade e no mesmo movimento que nega o mundo e sua absurdidade o afirma, quando não há salto de fé, torna-se então uma via de mão dupla. A revolta é um protesto contra uma condição de um mundo ou situação que é de certo modo,

mas pode tornar-se outro através do valor revelado pela insatisfação. Há, aí, uma possibilidade de criação. A arte “recusa o mundo por causa daquilo que falta a ele e em nome daquilo, que às vezes, ele é.” (CAMUS, 2011:291) Na revolta, então, nega o mundo por conta daquilo que falta a ele, unidade, justificação, e sentido, contudo em nome do que ele é se revolta e exige através do campo do possível a vida e um valor.

Em toda revolta se descobrem a exigência metafísica da unidade, a impossibilidade de apoderar-se dela e a fabricação de um universo de substituição. A revolta, de tal ponto de vista é fabricante de universos. Isto também define a arte. A bem dizer, a exigência da revolta é em parte uma exigência estética. (CAMUS, 2011:293)

É possível, então, que criemos arte sobre nossa condição humana, de absurdo e revolta ou que encontremos aspectos destas características humanas nas obras de arte. Pois a arte é uma criação que emerge no nosso modo de ser e expressa, até inconscientemente, categorias e peculiaridades sobre nós que muitas vezes não alcançamos pelo exercício da razão de forma metodológica. Criar arte pode ser vista como uma forma de recusa ao mundo pelo que lhe falta em unidade e também pode ser vista como uma resposta ao mundo, não como uma fuga. Sendo necessário se agarrar ao mundo para dele extrair algo para a criação, criação que levará a uma plenitude de momento. A partir deste momento podemos, então, passar para a outra etapa.

### 3. AUTO DA COMPADECIDA

Segundo Camus “O romance nasce ao mesmo tempo que o espírito de revolta, e traduz, no plano estético, a mesma ambição”(CAMUS,

## ABSURDO E REVOLTA EM AUTO DA COMPADECIDA: TRAÇOS ESTÉTICOS DA FILOSOFIA DE CAMUS

Alexandre Gomide Xavier

2011;297) e aqui vejo possíveis objeções quanto à obra escolhida para retirar tal análise. Primeiro por ser uma obra de teatro e, em segundo lugar, por certo cunho religioso contido nela, contudo atentarmos ao caminho traçado neste texto, vemos que não há contradição alguma. Uma delas porque “O auto da compadecida foi escrito com base em romances e histórias populares do nordeste.” (SUASSUNA, 2002:9) Mesmo sendo uma obra de teatro não escapa a sua similaridade com a literatura, pelo contrário, o teatro é apenas uma transposição da literatura. Sobre o cunho religioso vemos que, do modo como ele aparece na obra, há total ligação com a revolta e não com a teologia ou salvação.

O mundo romanesco não é mais que a correção deste nosso mundo, segundo o destino profundo do homem. Pois trata-se efetivamente do mesmo mundo. O sofrimento é o mesmo, a mentira e o amor, os mesmo. Os heróis falam nossa linguagem, têm as nossas fraquezas e as nossas forças. Seu universo não é mais belo nem mais edificante que o nosso. Mas eles, pelo menos, perseguem até o fim o seu destino, e nunca houve heróis tão perturbadores quanto os que chegaram aos extremos de sua paixão [...] É aqui que perdemos sua medida, pois eles terminam aqui que nós nunca consumamos. (CAMUS, 2011 :302)

A trama de *Auto da compadecida* acontece em torno de uma reivindicação de João Grilo. Tudo se passa na oportunidade que surge para ele pregar uma “lição” em seus patrões, pois não o tratavam com dignidade, logo há de início uma revolta suscitando algum valor nas reclamações de João Grilo. Ele é cheio de esperteza e astúcia e conhece a fraqueza de todos os outros que estão envolvidos na trama. A avidez por dinheiro ou no caso da mulher do padeiro, seu afeto por bichos e sua atração

carnal por outros homens. João grilo usa isso tudo como instrumento da sua revolta, por ser analfabeto e um “amarelo” como os outros dizem, sempre se saía por baixo e era subjugado. João Grilo reclamava da forma indigna que os patrões o trataram quando estava doente, mas também quando, seu amigo, Chicó lhe pergunta por que também evoluiu o Padre nesta peça, apenas diz que não vai com a cara dele. Podemos em termo de simbologia atribuir ao padre a representação daquele que guia os outros à salvação, aquele que é intermediário de Deus entre os humanos e os homens. João Grilo, como um revoltado, não o nega como ser humano, na verdade, expõe sua fraqueza e o reduz ao nosso meio. Já Chicó é aquele que constata o inevitável da vida, a verdadeira injustiça cometida aos seres vivos e ao homem.

É verdade, o cachorro morreu. Cumpriu sua sentença e encontrou-se como o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo que é vivo morre. (SUASSUNA, 2002:56)

Durante a peça, Chicó anuncia duas vezes em suas falas tal fato, representa então a consciência da contingência absurda, da temporalidade, porém não é revoltado, é medroso e quase passivo, sendo sempre envolvido por causa de João Grilo e suas ações. Temos então duas representações na história, um personagem que representa o sentimento de absurdo e outro a revolta. Os dois estão lado a lado e a revolta leva o absurdo à ação. Há aqui de fato uma representação da filosofia de Camus. Enquanto sentimento de absurdo é apenas um estado, é quando a consciência atinge a revolta nos tornamos ativos e reivindicamos a vida e os valores nascidos neste entrave homem-mundo. A Revolta é ação é seguir o destino na

## ABSURDO E REVOLTA EM AUTO DA COMPADECIDA: TRAÇOS ESTÉTICOS DA FILOSOFIA DE CAMUS

Alexandre Gomide Xavier

temporalidade. Joao Grilo vê a possibilidade de tirar destas pessoas um proveito e sair de lá com certa quantia de dinheiro e sumir, buscar outros rumos. Por isso reduziu todos, do bispo ao patrão, em homens com defeitos, os tratou de igual para igual. Porém quando tudo é surpreendido pelo cangaceiro é necessário criar novamente, transformar tudo em mais possibilidade de criação. Cria, então, a história da gaita que pode trazer de volta a vida fazendo com que o cangaceiro seja morto por um de seus comparsas. Tudo vai seguindo seu plano, até que algo sai do planejado e João Grilo morre junto com os outros que haviam sido mortos pelo cangaceiro. O diabo aparece e tenta arrastar todos para o inferno, porém é João Grilo que exige um julgamento, uma consciência revoltada jamais pode ser condenada sem que sua condição seja avaliada. O momento do julgamento é importante, pois é aqui que João Grilo trata o divino de igual para igual, expõe que com ele as coisas foram sempre tratadas na base da mentira e que apesar dos erros do Bispo, do padre, do patrão, da esposa e do cangaceiro, todos merecem uma chance, pois convence da Compadecida a defendê-los, pois diante da situação da vida cada um teve que se reinventar e seus defeitos eram, na verdade, condições que a vida lhes imprimiu. Importante é a parte na qual João Grilo trata Jesus de maneira humana e pede que a Compadecida seja “advogada” deles porque, para ele, Jesus é Deus e sendo ele divino não compreende direito os homens, seu patamar é outro. Daí como revoltado é necessário rebaixar e ser julgado por valores humanos, a Compadecida é humana e sua defesa sempre se dá a partir de valores mundanos e antropomórficos, o que é uma característica de uma consciência revoltada. A Reclamação de um mundo reduzido as explicações humanas. “A revolta traz em si a afirmação de uma medida: O homem. A revolta

como ação pretende o possível. A imagem reivindicada é a do homem de carne e osso, com todas as suas fraquezas, com todos os seus limites.” (GUIMARÃES, 1971:41) Por isso, a exigência de João Grilo é legítima, só alguém com caráter humano pode entender e defender os homens. A sua solidariedade guia os outros para o purgatório e a ele é concedida outra chance. João Grilo nada faz pelo eterno, para ele outra chance é na verdade a verdadeira salvação. Voltará à vida em sua mera condição, pregando sua audácia por aí junto de seu amigo Chicó.

O desfecho deste artigo é mostrar que há possibilidade de, entre arte e filosofia, se buscar uma explicação e que através da arte é possível nos descobrimos, ou seja, que a condição humana é também assunto da arte. Não existe limite entre arte e filosofia, no mais existe uma diferenciação quando se trata de estilo, contudo de resto tudo ajuda a revelar o que é o ser humano. Há nisto uma metafísica na arte, quais os valores que ela tira do âmago do nosso modo de ser e expressão em linguagem própria? “A obra absurda ilustra a renúncia do pensamento aos seus prestígios e sua resignação a ser apenas inteligência que põe as aparências em movimento e cobre com imagens o que carece de razão. Se o mundo fosse claro, não existiria arte.” (CAMUS, 2012:114) Neste contexto, temos de nos indagar sobre o que as obras de arte têm a nos dizer quanto ao nosso sentimento de absurdo e de revolta. Quais formas são possíveis destes sentimentos e quando o absurdo nos guia ao salto de fé ou ao suicídio. Quais são as obras que mostram tais encaminhamentos do ser humano. Podemos concluir que há na arte tanto uma manifestação de expressão quanto um movimento metafísico de revelação sobre o mundo, o sentimento de absurdo e revolta, ou seja, sobre nosso modo de ser.

# ABSURDO E REVOLTA EM AUTO DA COMPADECIDA: TRAÇOS ESTÉTICOS DA FILOSOFIA DE CAMUS

Alexandre Gomide Xavier

## Referências bibliográficas

CAMUS, Albert [1942], *O mito de Sísifo*/ trad. Ari Roitman e Paulina Watch. -9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

CAMUS, Albert [1951], *O homem revoltado*/ trad. Valerie Rumjanek. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo, *As dimensões do homem: mundo, absurdo, revolta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1971.

SUASSUNA, Ariano [1955], *Auto da compadecida*- 34ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 2002.